

REDACTOR PRINCIPAL Alexandre Vieira EDITOR Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional, Officina de Imprensa - R. da Atalaia, 184

Redacção e administração - Galçada do Combro, 38-A, 2.º End. telegr.: Tullaba - Lisboa - Telefone: ?

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



O OPERARIADO EM MARCHA

Con o aparecimento de A Batalha assiste hoje a organização operária nacional, mercê dum rasgo de audácia dum grupo de trabalhadores, eficazmente auxiliado no seu arrojado empreendimento pela Central dos Sindicatos Portugueses...

O observador imparcial que de há uma dezena de anos a esta parte há acompanhado de perto os acontecimentos, terá constatado que a cada golpe vibrado na organização operária, esta, em vez de acumbir ganha maior alento...

Sabemos nós que A Batalha será na imprensa o porta-voz da organização operária nacional, e, portanto, o intérprete das generosas aspirações da legião trabalhadora, dessa legião que ao mesmo tempo que, em luta afanosa, arranca à natureza ubérrima tudo quanto é mester à existência, anda empenhada numa outra luta não menos ingente...

Temos a pretensão de fazer de A Batalha um jornal onde os espelhados, a cujo número presenciamos, encontrem um defensor apaixonado e a classe poderosa um adversário contumaz das prerogativas de que goza ilegítimamente, mas adversário lial, que deseja impor-se não pelo exercício do insulto degradante ou da calúnia arvorada em acicate...

pois que ambicionamos o Futuro e não o Passado.

Que gente é esta que vem agora à liza? perguntarão muitos dos que nos lêem.

Conhecemos de perto o proletariado organizado, em cujas fileiras todos os que aqui trabalham formam há longos anos, muitos de nós tendo recebido, como recompensa ao esforço dispendido em favor do mesmo proletariado: da parte deste, a mais reconfortante simpatia; dum parte da corporação industrial, a boicotagem ao nosso braço produtor e, finalmente, da parte dos homens que tem governado, as calúnias mais aviltantes, longa prisão em masmorras imundas, o desterro.

Pertencemos à grande falange trabalhadora, desdenhosamente classificada, pelos poderosos, de sub-gente. Mas esta sub-gente, que tem alma, que tem aspirações e que pretende viver uma vida livre, esta sub-gente que em face dos rudes ataques dos nossos encarniçados adversários tem caído por vezes, mas que tem caído sempre de pé, esta sub-gente levanta-se num novo esforço para vir agitar ideias, sabendo de antemão que batalhar por essas ideias é embrenhar-se em lutas gigantes, rudes, ingentes.

Sobre os últimos acontecimentos

União Operária Nacional Este organismo, agora que considera definitivamente anulado, no país, o perigo monárquico, para cujo aniquilamento o operariado nacional concorreu eficazmente, seguindo o conselho da U. O. N., que tem sido, e será sempre adversa a todas as tentativas de regresso, partim donde partir, convidamos o mesmo operariado a desinteressar-se de quaisquer novas lutas políticas e a trabalhar animosamente pela melhoria da sua situação económica, que actualmente é o problema máximo.

A U. O. N. aproveita o ensejo para tornar público que é absolutamente estranha aos sucessos que Lisboa tem presenciado nos dois últimos dias, e cujo significado desconhece.

O proletariado tem fome!

É isto uma verdade que não agrada às altas regiões, mas que nos não cansamos de repetir.

Continuamos a viver numa situação inqualificável no que respeita à subsistência. Os géneros rareiam e sobem de preço, quasi que cotidianamente. Isto apesar de se oferecerem umas razoáveis facilidades de transporte, devido à terminação do bloqueio. Urge que um tal estado de coisas se modifique, mas rapidamente, com medidas que atenuem sensivelmente o crónico viver das classes proletárias.

A despeito de se classificar o operariado de turbulento, e sempre propenso à arruaça e à violência, o facto é que este tem sido de uma passividade inulgar, continuando a ser alvo das mais descaroadas especulações. E' porventura justo que se prossiga num tal regime, agora que a guerra terminou e que os telegramas cotidianamente anunciam sensíveis melhorias na situação económica lá por fora?

De forma alguma. E os governos que até agora alegavam terem que se sujeitar às circunstâncias resultantes da conflagração, persistirão em manter no comando subterfugio? Não o sabemos. O facto, porém, é que, se houver intenções firmes para o minoramento de tão importante problema, se modificará a situação, não se continuando a dar a nota das estações oficiais só terem energia para reprimir inexoravelmente as massas proletárias quando estas, acossadas pela fome, se vêem impelidas a clamar a sua revolta na praça pública.

A desproporção entre os salários auferidos e o custo da vida, é eloquente. Muitas vezes nos interrogamos, como será possível que nos lares operários se consegue estabelecer o equilíbrio entre a receita e a despesa. E a resposta a essa interrogação, encontramos-la no aspecto miserável da população, nesses rostos traduzindo necessidades e mesmo fome, que se encontram por todas as ruas.

NOTAS & COMENTARIOS

Pro domo

O nosso jornal não se publicará ás segundas-feiras. Com esta resolução permitirá que os que nele trabalham descansam ao domingo, satisfazendo assim, ao mesmo tempo, uma antiga aspiração dos que na imprensa se ocupam. Mas, excepcionalmente, «A Batalha» sairá amanhã. E' que começamos por descansar, sem ter previamente trabalhado, e coisa tão arraigada já nos hábitos de toda a gente que nos repugna, por isso mesmo. E' que nós somos revolucionários.

Aproximações...

O sr. Custódio de Mendonça dizia ontem na «Opinião» que se trabalhava numa aproximação entre a U. O. N. e o Partido Socialista.

Trata-se, apenas, dum fantasia de jornalista. Não há aproximação como não há nem nunca houve dissensões ou afastamentos. Trata-se de duas organizações completamente distintas e independentes. A primeira é pura e essencialmente económica; a segunda, política.

Oraio de acção da U. O. N. não alcança senão questões económicas, deixando plena liberdade aos filiados dos sindicatos aderentes, de seguirem os princípios políticos, filosóficos, religiosos ou sociais que preferirem. Não pode, assim, aproximar-se de quaisquer organismos políticos e sendo o P. S. P. um deles, desprende-se disso, muito claramente, que tal pacto não pode nem tem veracidade alguma.

Arboreicultura

Numa das últimas sessões do parlamento propôs um senhor deputado que fosse aumentada em duzentos contos anuais a verba destinada à arborização das regiões não arborizadas ainda. E' muito boa a ideia, pena sendo que nada de util' resulte dela, como nada de util' deriva da engenharia estatal. Mas seria bem acertada e desejável a plantação de vastos pinhais nas encostas arenosas de tanta serra já escaldada que por esse lado se apresenta um aspecto desolador, fileiras de eucaliptos ladeando toda a extensão das possas linhas férreas, choupos e salgueiros onde pudesse ser. E nas proximidades do palácio de S. Bento, a rodear o busto de Zé Estêvão, uma amarelhada plantação de virentes marmeleiros. Sempre o publico poderia ir lá arranjar, quando mister fosse, algumas rijas varas para seu desforço.

As escupas

Uma gréve que acaba de declarar-se em Barcelona, como noutro lugar se relata, gréve que abrange classes das mais importantes, foi deixada a capital da Catalunha ás escuras, tendo também cruzado os braços os operários da iluminação. Entre nós não é preciso gréve para que Lisboa se conserve, mal chega a noite, em treva impenetrável. Desde a guerra que estamos nisto, e não se vê géitos de mudar. Por forma que a ausência de luz leva-nos a confusões diabólicas: há quem tenha perseguido guardas noturnos, tomando-os por cociotes, e já nós mal podemos distinguir as diferenças — se diferenças há — que extremam um burro dum ministro.

Os fósforos

O que está sucedendo com os fósforos é verdadeiramente pasmoso. Chega-se a consumir uma caixa sem conseguir produzir a chama necessária para acender o cigarro bregreiro ou o pavio comesinho. Representa isto uma verdadeira burla ao consumidor que, além de sofrer um aumento de rougo por cento, ainda por cima não consegue utilizar o falsificadíssimo produto que paga por bom.

Pois o facto é que os fósforos não acendem, ou porque não tem cabeça ou porque, tendo-a, não encerram fósforo nela. Tivéssemos eles pernas, que com a ausência simultanea de cabeça e de fósforo, belos deputados se fariam dali.

Manifestação à «Batalha»

Um numeroso grupo de populares manifestou-se, ao principio da noite, junto ás nossas instalações, vitorioso «A Batalha» e aclamando a U. O. N. De uma das janelas da redacção deste jornal falou o camarada Perfeito de Carvalho, que agradeceu essa manifestação espontânea, dispensando os manifestantes após novas aclamações.

Vêr na 2.ª pagina:

Na linha de fogo

por MANUEL RIBEIRO

O atentado contra Clemenceau

O tenente sr. Ferraz, ajudante do chefe de Estado, esteve na legação de França, em nome do almirante sr. Castro e Castro, felicitando o representante daquele país por haver o sr. Clemenceau saído salvo do atentado de que foi vítima.

Mr. Daeschener, que conversou durante algum tempo com o tenente sr. Ferraz, agradeceu-lhe a visita, encorajando-o de apresentar os seus cumprimentos ao seu governo e ao presidente da Republica.

O serviço ou o deserviço

DA COMPANHIA DOS TELEFONES

Um telefone é, para um jornal, coisa tão necessária e indispensável como o póde ser, para uma sôpa de hortaliça, um fio de azeite. Por ão nos chegarmos dos quatro pontos da cidade, com a rapidez inverosímil que a electricidade permite, as notas tardias de sucessos vários que, num cotidiano que se pressa, mister é consignar. Pois procurámos nós, na metódica preocupação de instalar um jornal que, exactamente por ser do povo, procura bem servir o povo, até mesmo na relação completa dos sobapos tremalhados que por essas ruas se proporcionam, procurámos nós, dizíamos, obter o aparelho telefónico de que necessitávamos, e nessa conformidade fizemos, ao respeito devido, a petição respectiva á não menos respectiva companhia que, em meio do descontentamento geral, vem deservindo a cidade, para desconto de nossos pecados. Não é preciso dizer que, de telefone, nem amostra cá temos ainda. Porquê? Porque a Companhia Anglo-Portuguesa de Telephones, talqualmente tantas outras companhias que para aí prosperam, constituem-se mais no intuito de explorar o publico que do servi-lo. E a atestação está a péssima organização da caranguejola. As ligações estabelecem-se após um século de espera, depois de reiteradas instâncias, tendo o subscritor de sofrer impaciancias que poderiam resolver-se em desconveniências mal-humoradas, recaindo, afinal, sobre as inocentes empregadas que, sem embargo de nos descontentarem, nenhuma culpa tem disso. Para mais, o serviço de telefones portugueses é o mais caro do mundo — sendo ao mesmo tempo, como dissemos, o menos perfeito.

Explicamos já que a capacidade receptora da companhia está extinta. Não podiam, ainda há pouco, inscrever-se mais subscritores, porque não havia lugar para recebê-los. Vai a Companhia, a muito custo, inaugurar uma nova instalação capaz de servir seiscentos subscritores mais. Pois nesse momento sensível há a cizancas e o número dos pretendentes. E' para notar este caso típico da feição progressiva das empresas industriais indígenas. Em regresso, andam ás facilidades da industria adiantada a capacidade de consumo, procurando que esta as siga, facilitando-lhe o desenvolvimento, convidando-a, empurrando a mesmo, á força de sedução. O contrário. O consumidor, que paga e bem, requisita, reclama... Pois sim! Há que implorar, há que suplicar, há que gemeflectir-se a gente — e o resultado vem a ser o mesmo. As empresas — que são muito rúbias, não porque muito trabalham, logram alguma coisa — não ligam importância nenhuma a quem as sustenta. E' o caso dos telefones. Não há maneira de obter aparelhos — enquanto os pagantes não atirarem com os dentes ao ar.

LÁ POR FORA

A situação económica continua dando origem a graves sucessos

Agitação nas Baleares

MADRID, 20.—Devido á carestia da vida, produziram-se graves acontecimentos em Palma de Mallorca, no arquipélago das Baleares, tendo-se declarado em Ibiza o estado de guerra.

Uma discussão sobre preços de generos originou um conflito no mercado de hortaliças, assaltando a multidão o mercado e percorrendo os grupos de amotinados a povoação em affluente revolucionária. Saquearam os importantes armazens Penar, onde se encontravam grandes quantidades de comestiveis, calculando-se os prejuizos em sessenta mil duros.

Um armazem de café e arroz foi completamente saqueado. Também foi saqueado uma salchicharia. Os amotinados obrigaram os operários a abandonar o trabalho e ás 2 horas da tarde o governador resignou o seu mandato na autoridade militar, que ordenou a imediata saída para as ruas de forças de cavalaria e infantaria, as quais dissolveram os assaltantes. Estes quiseram ainda assaltar um armazem de bacalhau, mas foram recebidos a tiro pelo proprietário. A noite não funcionaram os carros electricos nem os theatros.

O problema do pão em Madrid

MADRID, 20.—Na reunião entre Romanones, Argente, o governador e o alcaide não houve forma de chegar a acordo, por Argente entender que o problema do pão em Madrid era uma questão municipal e o alcaide e o governador acharem que pertencia ao governo providenciar sobre o caso, por ser elle quem fixa as taxas dos preços dos trigos e transportes.

Devido a essas discordâncias, Argente exonerou do seu cargo, o ministro dos abastecimentos.

Os plebiscitos de A BATALHA

A Escola portuguesa

«O parasitismo da Escola é o reflexo do espirito parasitário da nossa sociedade» — diz-nos o professor António Sérgio

Aousam-nos os que não nos compreendem ou que não nos querem compreender, de ferozes demolidores. Somos com effeito demolidores, mas demolidores do que é mau, do que é infame, do que é vil. E não somos demolidores pelo simples prazer de demolir. Queremos demolir para reconstruir. As nossas doutrinas tem todas, simultaneamente, um aspectodestruidor e um aspecto reconstrutor.

Outra accusação que nos fazem aqueles que não podem ou não querem compreender-nos é a de que a questão social se resume apenas em economar. Não é assim. A questão social, para nós, não é apenas uma questão de estômago, é também uma questão moral, intelectual e até politica. E se as outras questões não tem sido até agora pela organização operária tratadas, é porque além de julgarmos que a questão económica sobrelava todas as demais, e de considerarmos todas as outras dependentes dela, o operariado organizado tem sido obrigado desde Outubro de 1910, pela obstinada renitencia dos que o escravizam, a concentrar toda a sua atenção, energia e constancia em conquistas de pequenas regalias materiais, absolutamente indispensáveis para dispor o espirito para outras concepções mais elevadas.

Quem conhece a acidentada vida da organização operária portuguesa bem compreenderá a impossibilidade que tem tido de contribuir com o seu estado e com a força da sua acção colectiva para a imposição de reformas que o país tanto carece em todos os ramos da sua actividade.

A falta de meios de publicidade para a propaganda e explanação do que pensa o operariado sobre todas as manifestações de vida do seu povo, tem sido também uma das razões da não cooperação do operariado na obra de reconstrução e de regeneração social em que elementos anarquistas e homens de ciência se tem empenhado infructiferamente, precisamente porque lhes tem faltado a forte corrente de opinião que só entre as classes trabalhadoras organizadas poderá encontrar.

Com o aparecimento de A Batalha esse inconveniente fica demovido. E' lá fazer interessar o operariado pelos diversos problemas que reclamam uma solução imediata para que o progresso se faça mais rápido e a transformação social iminente se torne menos brusca, prestando ao mesmo tempo o seu concurso a todos os espiritos que com boa intenção e com a competência de um longo e aturado estudo, nartegado pela aspiração de servir a Humanidade, pela modernização da arealca sociedade portuguesa, tem vindo lutando.

A Batalha vai promover um largo inquérito sobre os vicios e as necessidades de todas as actuais instituições sociais. E começará pela Educação — o problema máximo e fundamental da organização social perfeita porque luta a porque anancia. Antes de se pronunciar, pretende elucidar o operariado a quem se dirige com depoimentos dos mais autorizados profissionais. Esse primeiro depoimento é de uma autoridade na matéria muito respeitada no nosso meio pedagógico.

E o sr. António Sérgio que se digna iniciar esta série de entrevistas em que A Batalha se propõe tratar tão momento sensível da Educação. De resto, os trabalhos do nosso amável entrevistado em matéria de pedagogia, as suas conferências, os seus livros e artigos soltos, e, sobretudo, o superior critério com que o ilustre publicista vem dirigindo a excelente revista Pela Grei, do sobejo no-lo indicavam como o primeiro a ser ouvido.

Recobrou-nos no seu gabinete de trabalho, entre os seus livros e a sua braceira, com um olá acolhedor e amigo. E o resto todo se lhe abriu num sorriso de bondade e de intelligencia.

O acolhimento daquello sorriso e o ambiente de trabalho, de honestidade, de vida simples que tudo aquilo respirava em torno de nós, dispz-nos admiravelmente.

E foi assim que começámos com a maior naturalidade expondo-lhe ao que iam. Dissemos-lhe a nossa iniciativa e os nossos projectos. A Batalha batorecia por uma causa que nos reputamos justa, mas fã-lo-ia com elevação e sem se prestar a chantagens infelicitante tanto em voga. Era um jornal sério, feito com honestas intenções, e não uma empresa jornalística. Sua Ex.ª ouvia-nos ao fim concentradamente, sem uma observação. E quando terminámos, por-se ao nosso dispor, feliz por contribuir com a sua cota parte de esforço para a grande obra de regeneração social.

Puzémos então concretamente a questão.

A estrutura parasitaria da sociedade

Disse algo que nos fez acordar...

e da vida portuguesa. Qual foi a ideia precisa que quis exprimir dessa forma, e como justifica tal afirmação?

— Órgãos parasitários — diz o sr. António Sérgio após um instante de reflexão — chamei eu a todas as instituições que, em vez de funcionarem principalmente para beneficio da sociedade, como deviam, causando o seu progresso, funcionam pelo contrario em detrimento da Grei; de maneira que, quanto mais ellas prosperam, mais dano causam á Nação. Quasi sempre essas orgãos funcionam em beneficio visível de grupos e classes que se introduzem nelles; outras vezes o beneficio é, para tais grupos, só parcial ou aparente. Disse que se observa este caso na nossa politica, na nossa agricultura, na nossa industria, no nosso commercio, nas nossas escolas, nos nossos hospitais, no nosso sistema de credito, etc. A Nação soffoca sob o peso desse parasitismo; e é esse o vicio profundo da nossa estrutura social. A tendencia portuguesa espontânea é transformar as instituições do País em simples pretextos, cujo fim verdadeiro se resume em sustentar umas certas castas, subtraindo-as á concorrência natural e ao esforço progressivo. A vida económica é em grande parte artificial, sustentando-se do mais exagerado proteccionismo que há no mundo; afirma o sr. Anselmo de Andrade que a industria, a agricultura e o commercio, em Portugal, vivem menos dos alentos próprios que da força que lhes empresta o Estado á custa de nós todos, porque todos nós somos o Estado, — todos nós, pelo menos, contribuímos para o Estado...

O Estado orgão supremo do parasitismo nacional

— Exactamente; mesmo os que vivem á custa delle, ou antes, por meio dele. O Estado é o grande orgão do parasitismo português, o meio pelo qual todos, ou quasi todos, procuram viver á custa de todos. Sustenta-se na proporção das calamidades nacionais. Um bem para a Nação é um mal para o Estado; os seus interesses são antagonicos: quando todos nós alegramos como Nação, todos devemos entristecer como Estado, e reciprocamente. Em última análise, porém, são tudo males para a Nação.

«Confrontando os números do commercio externo (que significam a riqueza económica e a vitalidade de um povo) com os orçamentos de despesa (que representam o que cada Nação pede ao Estado para poder existir como tal, ou, por outras palavras, e auxilio que pedem todos a todos dentro da mesma nacionalidade) encontramos que, enquanto na Suíça, na Holanda, na Belgica e na Dinamarca (que são os países mais comparáveis ao nosso em área e população) não chega o orçamento da despesa dos Estados a representar 12 por cento da riqueza económica da respectiva Nação, em Portugal representa 67 por cento. O Estado absorve tudo, soffoca tudo, é uma sanguessuga gigantesca sobre o corpo aménico do País. O Estado arranca-nos somas exageradissimas em relação á nossa capacidade económica; um Holandês exporta como 26 Portugueses e paga impostos como 1. Pois bem: desse dinheiro arrancado pelo Estado, na verba consagrada a serviços ao publico (em que o nosso Estado gasta, muitissimo menos, proporcionalmente, que os outros Estados civilizados) 82 por cento são para pagar a pessoal, para sustentar a burocracia formidável; em material de serviço, elemento tam importante da vida moderna, gastam-se só 18 por cento dessa verba...

E, após uma pequena pausa e um momento de reflexão, continua o nosso entrevistado: — «O mesmo se diria de tudo mais. O credito, por exemplo, apresenta-se organizado entre nós, não para fomentar o trabalho, para ajudar os homens de iniciativa e pobres de dinheiro, mas para soffocar todo o progresso. Pela superioridade de condições que offerece, o Estado atrai para os seus cofres quasi todo o dinheiro do País, fazendo o vácuo em torno dos homens que não pertencem a uma oligarquia, comercial-financeira-politica, que tudo domina. O Banco de Portugal prosperou com as infelicidades do País, e a fornecer ao Estado, como juro, papel que o Estado pedis fornecer a si mesmo; e desta forma que o Estado deve ao Banco cinco vezes o mais o que lhe deve todo o País, — annullando a lei, por si só, para classificar e mudar a estrutura económica, diz de barbaridade completa o economista das provincias de...

Agriultura, industria e crédito parasitarios

Disse algo que nos fez acordar...